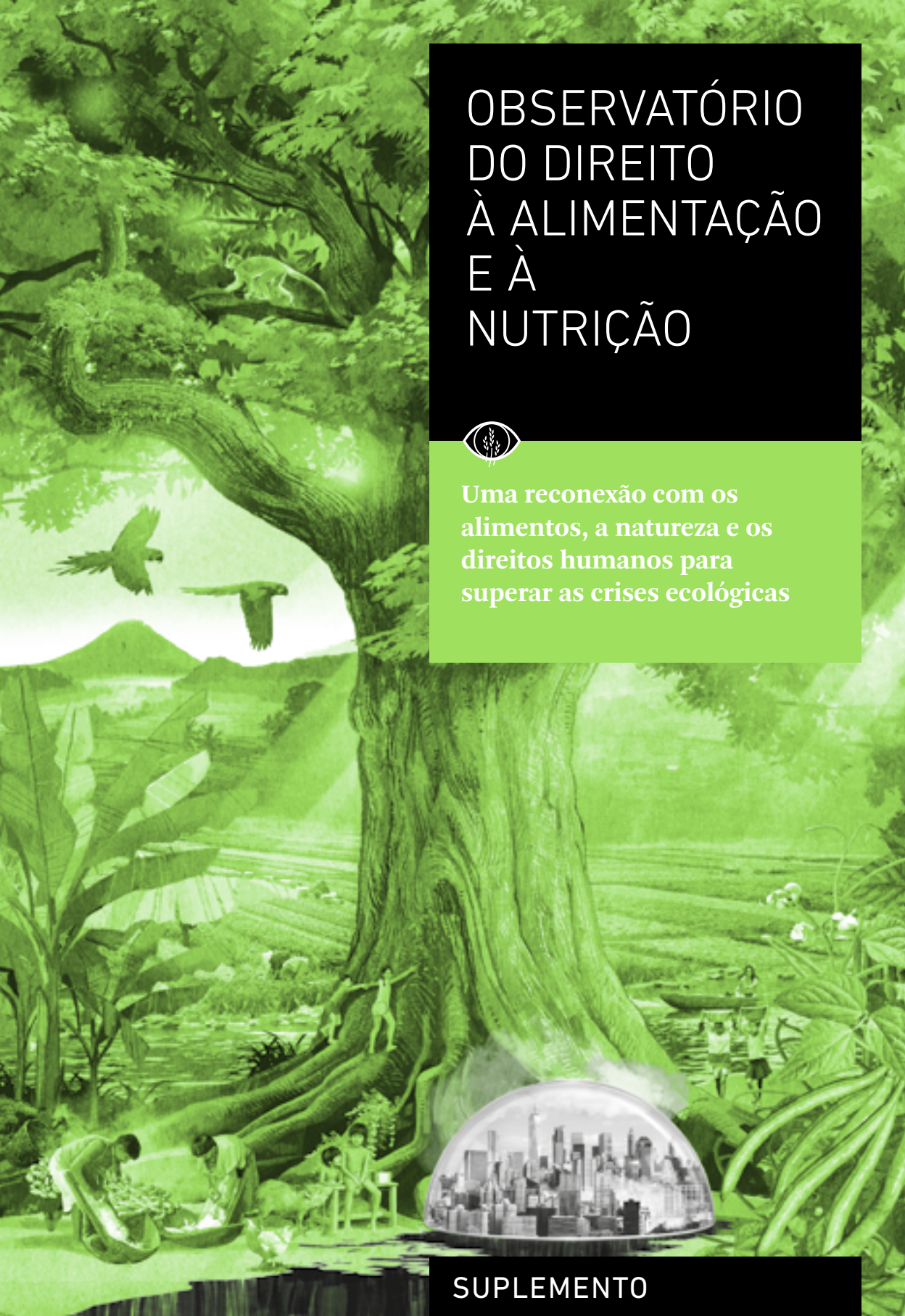


OBSERVATÓRIO DO DIREITO À ALIMENTAÇÃO E À NUTRIÇÃO

Uma reconexão com os alimentos, a natureza e os direitos humanos para superar as crises ecológicas

SUPLEMENTO

O MUNDO HOJE

A rápida disseminação do coronavírus SARS-CoV-2 no início de 2020 é mais um sinal de que os seres humanos estão a devastar o planeta. A pandemia do COVID-19 obriga-nos a reavaliar o nosso relacionamento com o resto do mundo vivo em um contexto de múltiplas crises interconectadas.

O aquecimento global e a drástica perda de diversidade biológica são manifestações claras da crise ecológica que ameaça a humanidade e o planeta. Os ecossistemas locais experimentam taxas de degradação sem precedentes. Essa situação está ligada a uma crise socioeconómica marcada pelo aumento das desigualdades e pela concentração de recursos nas mãos de poucos poderosos. Também está ancorada na destruição de nossos tecidos sociais, o que leva à migração, guerras e fome. Enquanto isso, o aumento do autoritarismo e da polarização política está a exacerbar a violência contra comunidades e pessoas ao redor do mundo; e mulheres e homens não-brancos são particularmente afetados.

Em suma, existe um vínculo estreito entre a maneira como as sociedades (mal)tratam e exploram os seres humanos e a natureza.

As ameaças existenciais de hoje estão enraizadas numa separação artificial entre os seres humanos e o resto da natureza, algo que passou a ser evidenciado no início da modernidade. Essa separação está na base do pensamento e ações ocidentais de hoje — especialmente desde a "revolução" científica que ocorreu na Europa nos séculos XVI e XVII. Ela manifesta-se mais fortemente no capitalismo e no patriarcado, como formas de organizar as nossas economias e sociedades e perpetuar desigualdades. De facto, o capitalismo é construído com a premissa de que ele pode dominar e explorar a natureza, a fim de gerar lucros. Como consequência, o capitalismo alterou radicalmente o mundo natural e continua a destruir os ecossistemas.

A ideia de que o capitalismo pode fazer com a natureza o bem quiser é imposta ao resto do mundo através do imperialismo, (neo)colonialismo e globalização. Hoje vemos novas fronteiras de exploração: através das chamadas economias "verde" e "azul", a natureza foi redefinida como um conjunto de serviços ecossistémicos aos quais o valor monetário é atribuído. Terra, água, florestas, pesca e biodiversidade são transformadas em ativos que permitem que grandes empresas e a indústria financeira global gerem lucros.

Além disso, essa ilusão de separação é vista na desconexão entre as leis internacionais de direitos humanos e as leis ambientais. Os textos fundadores dos direitos humanos no geral ignoram a natureza, enquanto a legislação ambiental desconsidera os direitos das pessoas e das comunidades de proteger o meio ambiente.

No entanto, ações recentes no âmbito dos direitos humanos e das leis ambientais sinalizam um aumento da conscientização e da preocupação com as complexas relações entre as sociedades humanas e seu ambiente natural. A Declaração da Organização das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (UNDRIP) e a Declaração da ONU sobre os Direitos dos Camponeses e Outras Pessoas que Trabalham em Áreas Rurais (UNDROP) são marcos importantes: reafirmam que as pessoas e a natureza estão intimamente conectadas.

TOME UMA ATITUDE!

Para enfrentar as profundas crises que a humanidade enfrenta hoje, devemos superar a separação entre os seres humanos e o resto da natureza. Em nenhum outro lugar a nossa interconexão é mais evidente do que na alimentação. Através da alimentação e da digestão, a natureza é transformada nas pessoas. Além disso, a produção de alimentos e a disponibilidade de alimentos nutritivos, saudáveis e culturalmente adequados dependem do funcionamento de ecossistemas biodiversos, bem como da capacidade do ser humano de cooperar com outros seres vivos — plantas, animais, insetos e microrganismos. Os alimentos e os seus valores sociais e espirituais também são cruciais para o tecido social das nossas comunidades e, portanto, centrais para a nossa natureza humana como seres sociais. Especialmente em tempos de pandemia, os alimentos nutritivos nos mantêm saudáveis e permitem-nos responder a ameaças, como patógenos e doenças.

CONECTE OS PROBLEMAS

O aquecimento global, a extinção em massa e a pandemia do COVID-19 mostram claramente que precisamos de reorganizar o nosso relacionamento social com a natureza. Todas essas crises estão profundamente interconectadas e, portanto, devemos enfrentá-las em conjunto, se quisermos superá-las.

Recentemente, os governos têm reconhecido cada vez mais que a proteção da dignidade humana está diretamente ligada à preservação da natureza e vice-versa, e que o gerenciamento sustentável dos recursos da terra e a promoção do conhecimento, inovação e práticas locais são cruciais para enfrentar as mudanças climáticas. Da mesma forma, os governos começam a reconhecer que as práticas de manejo agroecológico dos povos indígenas e pequenos produtores de alimentos são contribuições fundamentais para garantir o funcionamento dos ecossistemas.

Esses avanços devem-se principalmente à pressão de movimentos sociais, povos indígenas e organizações da sociedade civil. Temos que ir além! Como movimentos sociais e organizações sociais, devemos falar sobre alterações climáticas nas nossas lutas pela terra; e sobre a saúde humana quando lutamos pela proteção dos ecossistemas. Como indivíduo, é possível participar

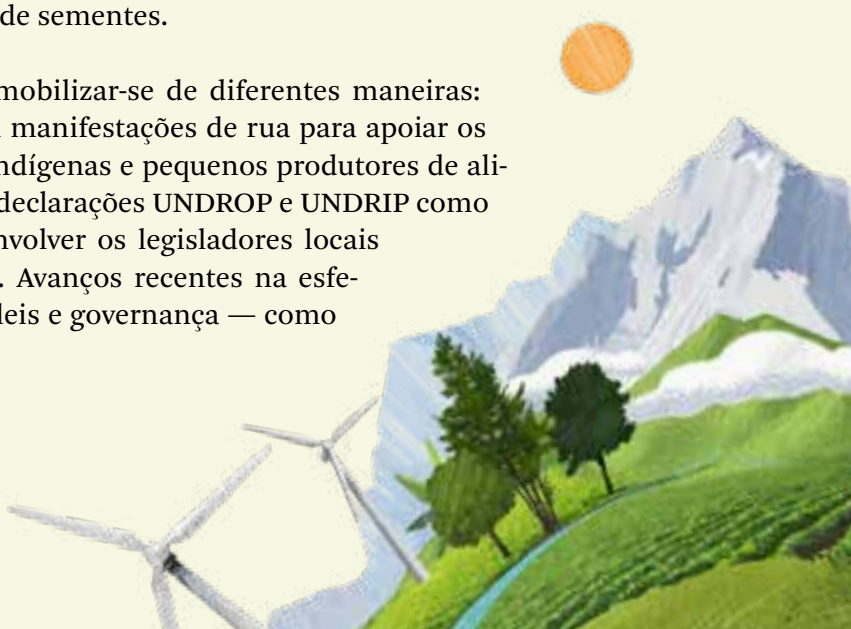
desse esforço global e ajudar a conectar os pontos, ao debater esses tópicos na sua comunidade e nos movimentos em que participa, e também com a sua família e amigos.

MOBILIZE-SE PARA PROTEGER OS DIREITOS DAS PESSOAS DO CAMPO

Um passo crucial para superar a divisão entre a natureza e os seres humanos é apoiar os direitos das pessoas e das comunidades que sabem como proteger os ecossistemas. Isso inclui povos indígenas e produtores de alimentos de pequena escala, como camponeses, pescadores, pastores e moradores das florestas. Não devemos esquecer que as mulheres devem estar no centro dessa luta: em muitos lugares, as mulheres são alvos de discriminação e exclusão estruturais, apesar da sua conexão especial com as sementes, as florestas e plantas selvagens.

As declarações UNDRIP, UNDROP e outros instrumentos internacionais oferecem-nos a oportunidade de reinterpretar os instrumentos atuais da legislação ambiental e do clima a partir de uma perspectiva de direitos humanos. Isso é fundamental para que os direitos dos povos, grupos e comunidades que dependem diretamente do funcionamento dos ecossistemas sejam priorizados. Para lidar com as alterações climáticas e o rápido declínio da biodiversidade, os legisladores e outros atores das esferas de poder precisam criar as condições em que os povos do campo possam desempenhar o seu papel de guardiões da biodiversidade e administradores dos ecossistemas. Isso significa que os seus sistemas de administração e produção precisam ser totalmente reconhecidos e protegidos, incluindo os seus sistemas de posse de terras e de sementes.

Cada pessoa pode mobilizar-se de diferentes maneiras: desde participar em manifestações de rua para apoiar os direitos dos povos indígenas e pequenos produtores de alimentos, até usar as declarações UNDROP e UNDRIP como ferramentas para envolver os legisladores locais e nacionais na luta. Avanços recentes na esfera internacional de leis e governança — como



o Comité Mundial de Segurança Alimentar das Nações Unidas — também apresentam novas oportunidades para unir os direitos humanos e as preocupações ecológicas. Movimentos e organizações — locais e globais — devem aproveitar essas oportunidades para exigir políticas que garantam a saúde dos ecossistemas. O reconhecimento do direito humano a um meio ambiente saudável pode ser um ponto de entrada promissor, onde a natureza — ou o 'meio ambiente' — não é apenas algo funcional 'ao serviço da nossa sobrevivência'.

DEFENDA A TRANSFORMAÇÃO

O capitalismo não pode continuar a fazer com a natureza o que bem entender — pelo menos não sem provocar profundas crises que ameaçam a sobrevivência humana. Não há outro caminho: devemos transformar radicalmente as nossas sociedades.

Os nossos sistemas alimentares são um ponto de entrada perfeito. As organizações de pequenos produtores de alimentos e os povos indígenas propõem a soberania alimentar como uma maneira de remodelar fundamentalmente os sistemas alimentares e as relações de poder. A soberania alimentar pode gerar uma transformação social mais ampla e profunda, principalmente por meio de economias circulares localizadas. No contexto de uma crise ecológica, a agroecologia é uma proposta crítica de transformação. A agroecologia é uma maneira de produzir alimentos em harmonia com a natureza. Essa abordagem inovadora baseia-se na coevolução das comunidades humanas com o seu ambiente natural e opõe-se à dominação, exploração e destruição da natureza no sistema alimentar industrial.

A agroecologia também é muito mais do que isso: desafia as estruturas de poder existentes e propõe maneiras de superar a exclusão e a exploração de certos grupos da sociedade, em particular mulheres, povos indígenas, pessoas de cor, além de camponeses, pastores, pescadores de pequena escala e outras pessoas do campo.

Devemos colocar a agroecologia no centro de nossa estratégia para transformar a sociedade.

CONVERGIR AS NOSSAS LUTAS

As comunidades rurais estão na linha de frente das lutas pela justiça social. Movimentos sociais de pequenos produtores de alimentos, povos indígenas e organizações de base estão levantando as suas vozes. Eles praticam soluções reais, antigas e novas. Mais recentemente, têm surgido novos movimentos, que somam as suas vozes às lutas em andamento, especialmente pela justiça climática. Camponeses a lutar por terras e sementes, povos pescadores pelos seus territórios, povos indígenas pela autodeterminação, movimentos juvenis pela redução radical das emissões de gases de efeito estufa — cada luta é única, mas todas elas estão interconectadas.

Toda essa série de lutas constitui a força de movimentos que ganham força em todo o mundo. Conseguir mudanças sistémicas vai depender da nossa capacidade de abraçar essa diversidade, construir fortes alianças e fazer ouvir as vozes de todas as pessoas em todos os espaços onde as decisões são tomadas.

ALIMENTO PARA A MENTE

→ Qual é o relacionamento da sua comunidade com os alimentos e a natureza?

→ Como a destruição da natureza o/a afeta a si e a sua comunidade? Como isso afeta as mulheres em particular?

→ Qual o papel do capitalismo, do patriarcado e do sistema alimentar industrial dominante na destruição de ecossistemas?

→ Como acha que os sistemas alimentares industriais e as crises ecológicas e sociais estão relacionadas?

→ A pandemia do COVID-19 desencadeará mudanças de políticas para reconciliar sistemas alimentares, saúde humana e ecossistemas?

→ Como as lutas pela soberania alimentar e agroecologia e as lutas pela justiça climática e ambiental se interrelacionam?

→ Quais ações concretas devemos tomar para superar a separação entre os seres humanos e o resto da natureza?

→ Quais são as medidas concretas que podemos tomar nas nossas comunidades ou organizações para desencadear a transformação?

→ Como podemos construir movimentos maiores e mais poderosos?

Esta é uma publicação da Rede Global para o Direito à Alimentação e à Nutrição

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da Comissão Europeia (CE). O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos autores e autoras e não pode, de modo algum, ser considerado como um reflexo das posições da CE.

EDITORES

Brot für die Welt
Alemanha

FIAN Internacional
Alemanha

| Autor e autoras: Philip Seufert, Alejandra M. del Rey, M. Alejandra Morena
| Tradução de inglês para português: Di Pinheiro
| Revisão de estilo e edição em português: Luis Pires
| Design: Ian Davidson, Marcela Vidal, Àlvaro López e Liz Bravo

FINANCIADO POR

- Agência Suíça para o Desenvolvimento e a Cooperação (SDC)
- Comissão Europeia (CE)
- FIAN Internacional
- HEKS/EPER (Swiss Church Aid)
- MISEREOR

OUTUBRO 2020

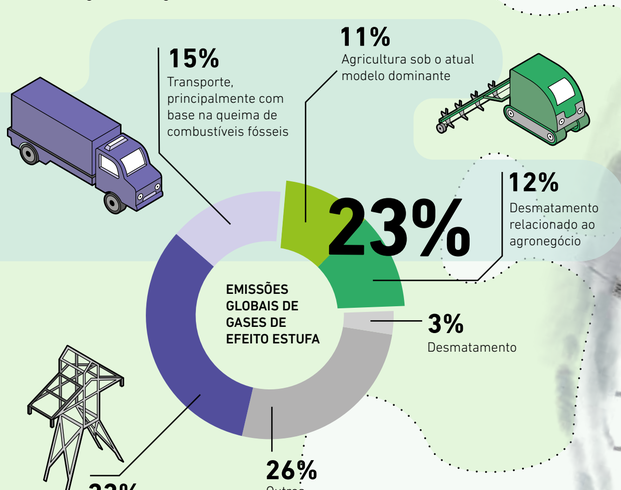
Visite o *Observatório do direito à alimentação e à nutrição*:
www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio

Siga-nos no Facebook
e no Twitter em *#RtFNWatch*

FATORES POR TRÁS DAS CRISES ECOLÓGICA, ALIMENTAR E DE DIREITOS HUMANOS

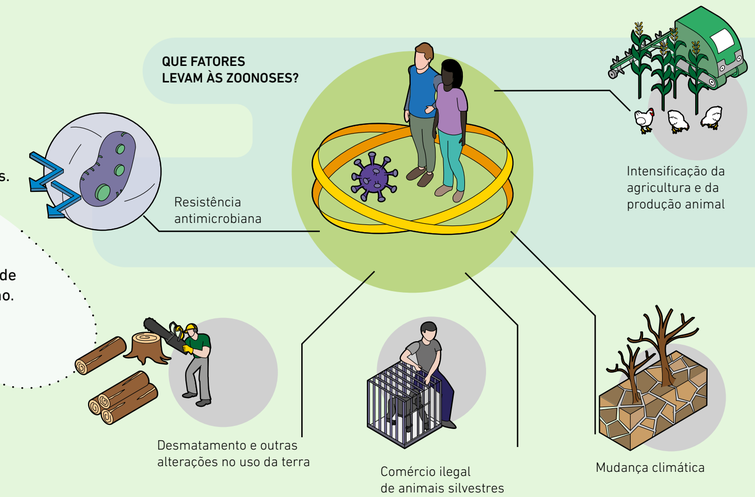
MUDANÇA CLIMÁTICA

O atual modelo agrícola dominante é responsável por quase um quarto das emissões globais de gases de efeito estufa.



ZOONOSES E DESTRUIÇÃO DO ECOSSISTEMA

A destruição do ecossistema através de atividades extrativistas está criando as condições para o surgimento de novas doenças. A pandemia da COVID-19, um resultado direto disto, tem desnudado as profundas desigualdades em nossas sociedades e tem atingido mais duramente os grupos marginalizados. Como resultado, 121 milhões de pessoas poderiam ser vítimas da fome este ano.

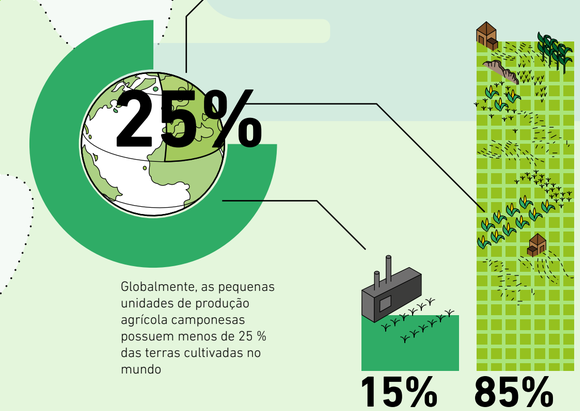


DESTRUIÇÃO DA AGRICULTURA CAMPONESA

Os camponeses e camponesas cultivam a biodiversidade e protegem os ecossistemas.

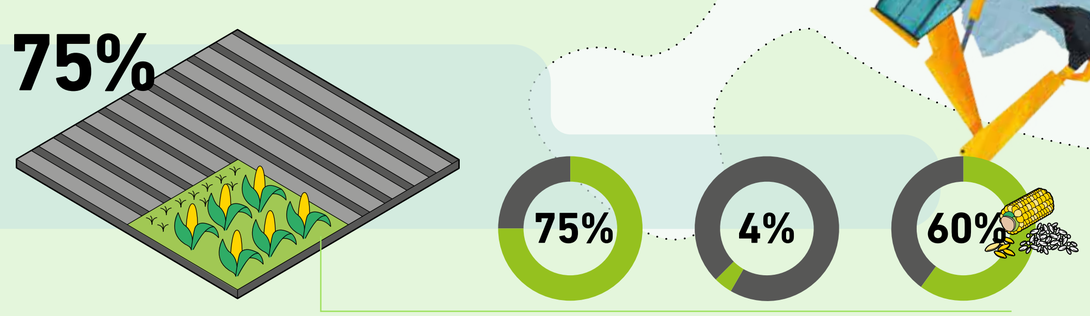
80%

A agricultura camponesa, composta por, pelo menos, 50% de mulheres, produz até 80% dos alimentos nos países não-industrializados



PERDA DA BIODIVERSIDADE

A expansão do agronegócio está reduzindo drasticamente a biodiversidade.



No século passado, três quartos da diversidade genética das plantas foram perdidos, pois as pequenas agricultoras e agricultores foram forçadas a deixar o cultivo baseado na diversidade de plantas e animais locais e passaram a utilizar variedades geneticamente uniformes e de "alto rendimento"

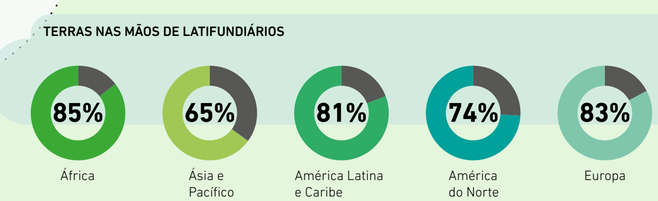
da alimentação mundial é produzida a partir de apenas 12 plantas e 5 espécies animais

Das 250.000 a 300.000 espécies de plantas comestíveis conhecidas, apenas 150 a 200 espécies são utilizadas em nossa alimentação

Apenas três alimentos - arroz, milho e trigo - contribuem com quase 60% das calorias e proteínas obtidas pelo ser humano a partir de plantas

GRILAGEM DE TERRA

Em todo o mundo, cada vez mais terras estão caindo nas mãos de alguns poucos atores poderosos. Em vários casos, a concentração da terra foi herdada do período colonial. Hoje em dia, a grilagem e a financeirização da terra estão exacerbando as desigualdades e levando à destruição dos ecossistemas.



OUTUBRO 2020

Visite o *Observatório do direito à alimentação e à nutrição*: *www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio*

Siga-nos no Facebook e no Twitter em *#RtFNWatch*